



O ENVELHECER FEMININO: REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS SOBRE A MULHER VELHA

Nathalia Sobral de Souza¹

1. Apresentação da problemática.

Esta proposta de pesquisa se insere num campo de estudos interdisciplinar, no qual se articulam os interesses pelas questões de **gênero** e **geração**, assim como pelas relações entre **representações literárias** e **representações sociais**. Aqui, tomamos como objeto de investigação as figurações literárias sobre envelhecimento feminino na obra, *AS HORAS NUAS*, da escritora brasileira Lygia Fagundes Telles. Ao falar sobre “figurações literárias”, estamos aqui aludindo aos modos através dos quais os quadros sociais – conjunto de relações e significações sociais – são reconstituídos no texto de ficção, em suas dimensões perceptivas, cognitivas e valorativas (BRAIDOTTI, 2002; ELIAS, 2006; RICOEUR, 1994; 1997). No nosso caso, interessa-nos investigar de que modo as significações sociais associadas à condição social dos velhos e das mulheres são refiguradas em narrativas literárias. Estas serão tomadas como sistema de interpretação fecundo para acessar o imaginário social sobre a condição social da velhice de mulheres em nossa sociedade. Tomaremos como contexto empírico da investigação a obra citada acima, ela mesma mulher madura escrevendo sobre a vida de mulher madura.

2. Rosa ambrosio (as horas nuas)

Uma (A) louca contemplativa que fica lúcida quando bebe!!!

Luzes apagadas... um quarto escuro... [ela prefere o escuro!] Tateia a pequena montanha de roupa suja onde esta deitada procurando sua garrafa de bebida; adorava ficar assim... deitada no chão, no escuro e bebendo, longe de tudo e todos, já não agüentava mais esse mundo tão solicitante e sedento por visibilidade. É assim que a escritora Lygia Fagundes Telles² apresenta a personagem principal de seu romance *As Horas Nuas* (1989).

¹ Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará.

² Paulista, nascida em 19 de abril de 1923, Lygia Fagundes Telles, cresceu ouvindo histórias “mal-assombradas”, o que marca os primeiros escritos (ainda no colégio) e perpassa por suas obras até hoje. Tem seu 1º livro publicado em 1938, *Porão e Sobrado*. Em 1941 inicia o curso de Direito e participa de rodas literárias na faculdade, fazendo parte, também, da Academia de Letras da Faculdade, colaborando com os jornais da mesma. Participou ativamente do movimento modernista brasileiro. Casou-se duas vezes e teve um único filho. Durante toda sua trajetória literária, Lygia foi, e ainda



Rosa Ambrosio da Fonseca é uma atriz “aposentada” que vive as desventuras de envelhecer. Rosa viveu glamorosos anos nos palcos, como conta a própria na história. Era, na juventude, uma mulher muito linda, desejada e paparicada. A atriz levava uma vida agitadaíssima, com muitas festas, bebidas, noitadas. Agora, ele tinha problemas, pelo menos era assim que a empregada e a filha classificavam, com bebidas alcoólicas.

Rosa, agora, bebia o tempo todo. Não gostava de tomar muitos banhos e ficava horas deitada no quarto bebendo e pensando em sua vida, e é assim que começa a pensar em suas memórias/lembranças. Ela estava angustiada pelas demandas da vida. Nós temos que ser vivíveis demais, ser solicitante demais, e isso gerava muita aflição, ela precisava desligar um pouco, ficar invisível. Queria ficar “bestando no espaço”.

Rosa era alvo de várias matérias em revistas e jornais, mas as últimas não eram as melhores. Assim, ela começa a falar de sua beleza. Ao ver a notícia de que ela foi retirada de um vôlei por estar embriagada demais no jornal, que pertencia, tempos atrás, a um de seus grandes amigos e admirador, que costumava preservá-la e exaltá-la, e agora pertencia ao filho desse e que não tinha a menor preocupação em poupá-la, acabou lembrando de como era linda na juventude e como era bom ver sua beleza refletida nos olhos de seu amigo, Douglas, eles eram capazes de se entenderem pelo olhar, pela beleza refletida no olhar.

Rosa conta que tivera mesmo três amores: o marido, Gregório, com que teve a filha Cordelia; Diogo, o secretário que virou seu amante; e Miguel, a paixão adolescente que ela mesma não tem certeza se foi verdade ou invenção.

Ela não nos diz sua idade, só que esta “*dobrando o cabo da boa esperança*”. Ela que viveu cercada com tantos espelhos, mas só agora, velha, conseguia se ver, e achava a velhice “*uma palavra desprezível*”. Ela preferia chamar de maturidade (Idade da MADUREZA) (fazer reflexão sobre a dureza).

Três relacionamentos da vida de Rosa a inquietavam mais que os outros, principalmente por, de alguma forma, eles a ligavam ao movimento de “pensar sua velhice”.

A relação de Rosa com sua filha Cordelia não era a das mais fáceis. As duas se amavam bastante, não tinha dúvida disso, mas a atriz não se conformava com os relacionamentos amorosos da moça. Cordelia só se relacionava com homens bem mais velhos que ela. Só sentia prazer ao dar prazer aos velhos. Rosa não conseguia entender essa preferência da filha, achava odioso pensar que sua filhinha estava com esses velhos nojentos e tarados. Ela diz que a única coisa que desejava era

é, uma das escritoras mais premiadas do país. É cátedra (28) da Academia Paulista de Letras e cátedra (16) da Academia Brasileira de Letras, desde 1985.



uma filha normal [seria pedir muito?]. Ela podia ser totalmente livre, morar longe, ter uma tropa de amantes, mas não amantes velhos, sim amantes “normais” para sua idade. [“*não é uma anormalidade minha filhinha só sinta prazer com velhos?*”, se questiona Rosa].

A segunda é sua relação com Diogo. Ele era seu secretário de confiança e tinha acesso a todos os espaços de vida de Rosa. Diogo era muito bonito, todos, homens e mulheres, o respeitavam [a beleza exige respeito, afirma Rosa]. Vestia-se impecavelmente (e ela adorava), diferente do marido. Rosona, como ela a chamava, o definiu como Jovem (era bem mais novo que ela) e Lúcido. Mas também o achava hipócrita. Adorava ser o dono da verdade e não tinha o menor pudor em falar-lhe o que pensava “na cara”, mesmo que a magoasse. Ele não tinha dinheiro para manter seus luxos e gostos refinados antes de trabalhar para Rosona, por isso ela chega a afirmar que sabia que pagava para te-lo, mas não via mal nisso, pois se podia pagar para ver uma obra de arte no museu ou comprar algo que lhe proporcionasse prazer porque na poderia pagar algo vivo, que a fazia bem, papericava e dizia-lhe verdades, mesmo que duras?

Terceiro, sua relação com a possível volta ao trabalho. Diogo lhe que, na verdade, ela tinha medo de voltar ao trabalho por estar envelhecendo (pensar mais). Rosa diz que vai fazer *AS HORAS NUAS*, uma peça sobre suas memórias (*Rosa Ambrosio Nua! Sem tremor e sem temor!*), *As Horas Nuas. Palavras claras, horas claras!* Seria lançada depois da peça sobre Sartre, que seria sucesso absoluto, sua salvação pelo trabalho. Sua glória e ascensão do trabalho era pela sua boa performance e pela beleza. Mas agora ela já não tinha mais o corpo e rosto exuberantes para exibir no palco. Como encarar aquelas caras que percebiam como ela estava envelhecida? Como não sentir o espanto vindo dela ao lembrar como ela já foi linda?

Rosa já não se entendia mais com seu corpo (*Esse Traidor!*, como chamava). Tinha ódio dele. Havia mudado rápido demais. Quando era jovem ele era um grande motivo de elogios e aceitação, mas agora revela o que não pode³, se tornando um motivo de diferenciação e afastamento. Ela chega a definir a velhice como a pior das doenças, pois é um mal sem cura. Leva sua beleza e força sem o menor escrúpulo.

Até suas mãos a traíam. Gostaria de poder voltar a usar luvas. Luvas e máscaras, que substituíssem seu rosto velho. Teria uma máscara para cada estado de espírito e assim não precisaria exibir esse rosto traidor. Ela se sentia uma *Rosa Despetalada*, murcha e sem brilho.

Diogo disse, uma vez, que ela estava com pânico de envelhecer e ela respondeu que não é a idade que deprime, mas o preconceito, as limitações impostas, principalmente no trabalho, por

³ Ver adiante a discussão sobre finitude e morte, e a negação dessas pelo processo civilizador como nos ensina Elias, 2001.



envelhecer. Estava de mal dos espelhos e das palavras relacionadas à velhice. Expressões ignóbeis: “*na minha faixa etária*”, são horríveis, achava Rosa. E a raiva dos espelhos vinha das exigências que eles teimam em nos fazer.

Assim, Rosona carregava, agora, o fardo da solidão. Seus homens foram embora – Gregório morreu e Diogo foi embora com as próprias pernas. Desejava fortemente a volta deles, pois só assim voltaria a viver e sair do estado de suspensão no qual se encontra: sozinha. Só lhe restava a empregada, Dionísia, a desengonçada terapeuta Ananta, o gato Rahul (que sentia muita falta do dono que morreu) e sua filha, que só queria saber dos seus velho.

Rosona é algumas vezes, durante a narrativa, acusada de ser uma velha irresponsável. Poderia ter, pelo menos, a dignidade de envelhecer quietinha, sem muito alarde. Mas não, Tem que fazer questionamentos, ter desejos. Esse tipo de questionamento se releva quando o envelhecer toma um caráter de obscenidade. A velhice, aqui, com essas mulheres (Rosa Ambrosio e Sra. Xavier) mostra que pode ser bem diferente o que se acha socialmente adequado. Elas apresentam que há sim desejo e projetos durante a velhice e nos cabe aqui questionar o porque que isso soa tão obsceno.

3. Família, sexualidade e experiência corporal na velhice.

Uma análise dos discursos sobre a condição do idoso dentro da estrutura familiar apresenta profundas contradições. Estudos que focam a família nuclear como lugar de apoio e segurança para o bem-estar do velho, incluindo o instrumental jurídico brasileiro, que estabelece como dever dos filhos maiores o amparo e o cuidado dos pais na velhice, acreditando ser a casa de seus filhos o lugar mais saudável e seguro para uma velhice tranqüila, deixam na sombra as vulnerabilidades a que estão submetidos os idosos no contexto das relações intrafamiliares. Nesse sentido, pesquisas mais recentes, principalmente nas ciências sociais, pretendem rever conceitos de família como instituição natural, universal e imutável (HÉRITIER, 1989; DURHAM, 2004), e são vários os casos de conhecimento público de idosos que têm em suas domicílios os lugares menos seguros para viverem. Assim, Debert e Simões mostram a necessidade de rever dois mitos que tendem a impedir essa reflexão: o primeiro, relativo a uma suposta naturalidade da família nuclear, e o outro seria de uma “Idade de ouro”, em que a velhice seria vivida supostamente sem problemas, sob o amoroso e respeitador cuidado nas suas unidades domésticas multigeracionais.

É importante problematizar esse suposto caráter natural da família para refletir sobre a situação da mulher idosa dentro desse contexto, nos apoiando, principalmente, nas teorias



feministas, que produziram uma crítica mais profunda sobre essa “família natural” e o “papel” da mulher nela. Questionando a linguagem funcionalista presente nesses discursos, elas denunciam a desigualdade de gênero e geração, assim como o peso de valores políticos e ideológicos que ditam as regras para uma “forma adequada” de viver em família. A imagem da mulher velha está muito ligada ao mundo doméstico, da vovozinha querida, que tem sua importância reconhecida enquanto exerce suas funções de mãe/avó/esposa e garante o bom funcionamento do lar.

Ao mesmo tempo, ao pensarmos essa mulher idosa sob o olhar da “teoria da atividade”, diz Alves (2004), podemos ver uma nova perspectiva para essas mulheres, que têm hoje a possibilidade de manter uma vida social individual desatrelada da esfera doméstica, sem se afastar dos fazeres familiares, mantendo atividades de lazer e trabalho fora de casa, principalmente em grupos destinados à terceira idade, usando um discurso contra a repressão que sofreram quando jovens para justificarem essa libertação e atestarem que não são incapacitadas, como dizem os que vêem a velhice como sinônimo de invalidez e fim de vida. Ao contrário disso, elas querem mostrar que é justamente por estarem no último estágio da vida, onde a visão de mundo é ampliada devido à maior experiência, que os projetos de vida são necessários e possíveis de serem realizados.

Com essa maior autonomia dos sujeitos velhos é possível notar um declínio dos preconceitos tradicionais quanto à sexualidade na velhice. Bozon (2004) quando escreve sobre sociologia da sexualidade, nos mostra a importância que a sexualidade assumiu nas últimas décadas para a construção das relações sociais e para a construção de si. “A sexualidade durante muito tempo esteve ligada à reprodução, considerada como natural e óbvia e inscrita na organização e na representação androcêntrica do mundo e das coisas” (BOZON, 2004). O papel feminino sempre esteve subordinado ao masculino, que tinha seu papel sexual social relegado à reprodução. Essa característica óbvia do papel da mulher na vida social só pode ser modificada com as inúmeras transformações sociais, políticas e intelectuais, que puseram em questionamento os conteúdos tradicionais de gênero e sexualidade (BOZON, 2004).

A experiência do prolongamento da vida sexual até idades mais avançadas, como exemplo de uma dessas transformações, é possível devida à propagação da idéia de uma velhice ativa e ligada ao ideal de juventude, desde que as pessoas cuidem de suas saúdes, mantenham atividades de lazer e trabalho autônomos e não limitem suas vidas à esfera doméstica. Porém, esse prolongamento da vida sexual nas mulheres de mais de sessenta anos, atestada por Bozon, é tratado ainda com resistência, e ainda desperta muita curiosidade (leiga e perita): afinal, essas mulheres fazem sexo? namoram?. A construção da sexualidade feminina sempre esteve submetida aos valores morais da



sociedade; por esta razão, pensar uma sexualidade para a mulher idosa, que sempre esteve ligada à perda da capacidade de reprodução, que numa visão normatizadora via o sexo no casamento ligado à reprodução, e à menopausa (construção social e psicológica elaborada a partir de uma realidade biológica – Bozon, 2004), é infinitamente mais problemática do que quando se pensa a sexualidade no envelhecimento masculino.

Uma questão fundamental à construção subjetiva da identidade sexual da mulher velha é a relação com o corpo. É na corporeidade que os seres humanos se relacionam com o mundo. É na dimensão corporal que o existir para o outro ganha significado, sendo o corpo o seu lugar de “estar no mundo”, o seu limite da expressão da individualidade. Essa “existência física”, no entanto, só pode ser entendida dentro do conjunto de sistemas simbólicos da comunidade na qual esse corpo existe, mediante um processo de “socialização da experiência corporal” (LE BRETON, 2007).

O corpo feminino sempre foi, e ainda é, educado para ser belo. A mulher deve fazer-se feminina, bonita, delicada, sedutora, ou seja, ser o “belo sexo” (LYPOVETSKY, 2000). Também faz parte da “construção de si”, do sujeito moderno, ter responsabilidade sobre a beleza do seu corpo. Há, e nos tempos atuais de uma forma mais *espetacularizada*, uma supervalorização da beleza do corpo da mulher. O *embelezamento* a qualquer custo, tão veiculado na mídia e reforçado pelos mercados dos cosméticos, dos produtos farmacêuticos (que auxiliam no emagrecimento), do *fitness*, das cirurgias plásticas, e tantas outras intervenções, depois de passar por um processo de democratização, passou a fazer parte do mundo feminino, agora, sem culpas. Se uma pessoa não nasce tão bonita quanto o “recomendado”, é de “obrigação” dela encontrar meios para modificar sua aparência, pois, hoje, há uma culpabilização do sujeito, e não mais da “natureza”, pela aparência “feia”.

Todas essas intervenções e materiais para o processo de embelezamento funcionam quase como um ritual para afastar de si a imagem indesejada que aparece no espelho. Como pensar a experiência da mulher que envelhece dentro desse contexto? Como lidar com a difícil tarefa de ficar velha numa cultura narcisista e visualmente orientada? (SARDENBERG, 2002). Esta é uma das preocupações mais recorrentes em falas de mulheres que envelhecem. O ideal cultural da “eterna juventude” “exige” dessas mulheres que modifiquem seus corpos para que não agridam o mundo com seus corpos enrugados. Mas se quando chega à hora que não adianta mais tanto investimento para disfarçar esse corpo, o que resta a essas mulheres é se resignarem em suas condições e agirem como uma boa velha senhora: usar roupas e maquiagens próprias para senhoras distintas; praticar



exercícios moderados, só para ajudar a saúde – nada de modificar o corpo. Assistimos, assim, uma luta entre o corpo desejável e o corpo que envelhece.

Um dos aspectos determinantes para tanta preocupação com o *embelezamento* do corpo é a produção de prazer, e a sexualidade está, aqui, intimamente ligada a esse prazer. Como sexualidade feminina por muito tempo ficou reduzida à procriação, a produção e satisfação do desejo, não faziam parte de sua realidade. Imagine, então, a situação da mulher velha. Sem a capacidade reprodutora nem se falava em sexualidade, daí o imaginário da velhinha assexuada.

A construção da sexualidade feminina sempre esteve submetida aos valores morais da sociedade; por esta razão, pensar uma sexualidade para a mulher idosa, que sempre esteve ligada à perda da capacidade de reprodução, que numa visão normatizadora via o sexo no casamento ligado à reprodução, e à menopausa (construção social e psicológica elaborada a partir de uma realidade biológica – Bozon, 2004), é infinitamente mais problemática do que quando se pensa a sexualidade no envelhecimento masculino.

Podemos supor que os conflitos vividos por essas mulheres na velhice, em relação a emoções e sentimentos, principalmente quando se referem à experiência sexual, e a sentença que dão aos comportamentos como sendo inadequados, venham do desconhecimento da própria sexualidade e dos preconceitos e tabus construídos e difundidos pela cultura, pela religião, pela ordem médica, pela norma familiar, etc, que impedem vias de subjetivação menos conflituosas.

Bibliografia

BAUER, Martin W., GASKELL, George (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*, Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1990.

BERLINCK, Manoel Tosta. A envelhescência. In: PERES, Urânia; COELHO, Maria Thereza (Orgs.). *Amor e morte*. I Congresso Internacional de Psicanálise da Bahia (Anais). Salvador: EGBA, 1998.

BOZON, M. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers. (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Trajetórias sociais de gênero e representações sobre a velhice no Brasil. In: *Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, 1996.

ELIAS, Norbert. “Figuração”. *Escritos e ensaios, 1*: Estado , processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.



DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP, 2004.

_____; SIMÕES, J A. Envelhecimento e velhice na família contemporânea. In: FREITAS, E V...[et al], *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Koogan, 2006.

HEILBORN, Ma. L. (org.). *Família e sexualidade*, Rio de Janeiro : FGV, 2004.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *Adeus ao corpo*. Campinas: Papyrus, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*, tomos I-III. Campinas: Papyrus, 1994, 1995, 1997.